

Stadium

N.º 401 ★ 9 de Agosto de 1950 ★ 2\$50



A volta oferece-nos, a todo o momento, aspectos policromos que a retina grava indelévelmente. As cores variadas das camisolas, quando o pelotão vai compacto, dão alegria desusada às estradas portuguesas que estes maravilhosos campeões vão percorrendo dia a dia com estolicismo e pundonor desportivo.

A VOLTA A PORTUGAL

ETAPA POR ETAPA

(do nosso enviado especial)

7.ª ETAPA — CASTELO BRANCO-ELVAS (153k900)

VENCEDOR — Bernardo Capó (Acad.) em 4 h. 19 m. 33 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto, com 71 h. 48 m. 7 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto).

Esta etapa caracterizou-se pela «presença» das equipas do Porto e Académico, a quererem consolidar as suas posições, e as do Benfica e Sporting a evidenciar «vontades» de não permitir esse propósito. As restantes, acompanhavam cautelosamente a marcha das outras, não tendo esboçado qualquer tentativa, porém.

Durante o percurso assistiu-se a várias mutações no comando. Bastas vezes os «segundos planos» tomaram a «cabeca», a marcar a cadência, a fim de proporcionar, aos mais categorizados, ensino para umaabalada vitoriosa. Alguns «estíctos» a tempo, reveladores de tática preconcebida, causaram desgaste físico, que pouco a pouco se foi apercebendo e se comprovou na tentativa de fuga de Langarica no trecho de Rodam a Niza.

Pouco depois do pelotão ter alcançado o espanhol do Académico, que diga-se de passagem, não forçou muito, desencadeou-se outro ataque. Bernardo Capó e Joaquim Costa, um do Académico e outro do Porto, isolaram-se e numa entre-ajudas constante, foram aumentando a distância entre eles e o pelotão aproximando-se em velocidade vertiginosa da meta. Capó, porém, quando achou oportuno, fez várias tentativas para «descolar» o companheiro até que o conseguiu. Entrou isolado, com mais de 1 minuto de avanço do portuense. Felix Bermudez fez também boa prova, sendo bom terceiro, isolado, também, do pelotão.

Dada a classificação dos três «atrevidos», os outros não puxaram.

As energias serão aplicadas a seu tempo.

Excelente a média do vencedor: 35 k. 619. Os primeiros da tabela mantiveram os seus postos. A camisola amarela continua bem ajustada ao corpo de Dias Santos.

8.ª ETAPA — ELVAS-EVORA (134 k. 700)

VENCEDOR — Langarica (Acad.) em 3 h. 55 m. 58 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto, com 83 h. 39 m. 47 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto)

Passada a primeira hora de corrida, em que a média horária não foi além de 28 quilómetros, o andamento aumentou em consequência da acção dos benfiquistas Palmeiro, Alberto Coelho e Edgar Marques, a quererem «es-

capar» e, ainda, pouco depois, mercê de uma tentativa forte dos louletanos Barros e Joaquim Apolo. Estes sucessivos «estíctos» iam produzindo cansaço e esfrangalhando o pelotão. Merece por igual registo, uma excelente perseguição de Luciano de Sá, levando consigo o irmão, para que este não fosse desalojado do segundo lugar.

A partir de Montemor-o-Novo, a corrida ofereceu aspecto mais agradável. Os estradistas da vanguarda cifravam-se, apenas, em 24, porque o andamento duro, imposto, não pôde ser suportado pelos «segundos planos». Do total de concorrentes, na prova, podemos afirmar que anda à volta de 30 o número daqueles que estão em condições de responder a todos os ataques e velocidades, que o mesmo é dizer, revelam capacidade para uma competição de tanta envergadura!

Na parte final da prova, destacou-se a equipa do Sporting, que se lançou deliberadamente ao ataque, somente secundada pelos homens do Académico e do Porto.

A pouco e pouco os 11 que se haviam esgueirado foram sendo «descolados» ficando apenas 6. Porém, mais dois «leões» e um «água» se juntavam, depois de emocionante perseguição coroada de êxito, ficando o primeiro grupo constituído por Fazzio, Bermudez, Rola, Mourão, Langarica, Manolo Rodriguez, Dias Santos, Moreira de Sá e José Martins; que acabou também por se «partir», cortando a meta com o mesmo tempo, somente 6!

O equilíbrio da formação do Académico continua a afirmar-se. A do F. C. Porto embora no cimo da tabela não pode considerar-se segura. Das restantes, pelo que hoje demonstrou, a do Sporting pode melhorar e causar «escalafrios» às mais adiantadas. O brilhantismo desta tirada a ela se deve, inevitavelmente.

Média 34 k. 328. Amanhã os corredores descansam. Repouso merecido para refazer forças. Em dois dias há que andar 554,900 Kms. Vaticinamos grandes alterações.

9.ª ETAPA — EVORA-LOULÉ (262 k.)

VENCEDOR — Império dos Santos (Benf.) em 7 h. 47 m. 7 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto com 107 h. 07 m. 59 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto).

Mais uma tirada emocionante, de luta acesa, — uma grande tirada! Cedo começou a «movimentação», com uma «fuga» de José Serra, que não resultou devido a resposta rápida de alguns elementos do pelotão, que apesar de a prova estar no começo, não deixaram de acautelar qualquer surpresa que pudesse advir.

Mas foi sol de pouca dura a passividade do «todo». A cerca de 3 quilómetros de Portel, cabe a Langarica «esticar» com dureza. O pelotão não resiste e o acadêmico «vai-se distanciando mais e mais, chegando a ter 7 minutos de avanço! Resultará ou não esta valorosa tentativa? A meta está muito distante e só a vontade não chega...

Em Castro Verde, saiem por sua vez do «molho», Mourão, Império e Apolo que se lançam doadamente, estrada fora, em busca do fugitivo. Os outros, continuam abstractos, como que indiferentes, não se preocupando com a ousadia dos quatro atrevidos. Até Almódovar, o duelo entre Langarica e os três perseguidores assume aspecto de grande beleza atlética. Um a querer manter a distância conseguida, os outros a pretenderem anulá-la, o que conseguem de facto à passagem desta localidade. O pelotão vem atrasado 9 minutos!

Mais adiante, perto do Ameixial, cá atrás quebra-se a monotonia e a velocidade vai aumentando pouco a pouco. A diferença vai diminuindo. É preciso imprimir «passo» duro — está na mente de todos. Começa, então, a dispersão. Os mais apetrechados «aguentam» o andamento e, os outros, vão ficando para trás, lutando com brio e ânimo dentro das suas possibilidades.

A chegada a Loulé. Império dos Santos, havia conseguido uma excelente vitória, entrando isolado. Mourão e Langarica só passavam o fio da chegada 31 segundos depois. Apolo, desafortunado, viu perdido ingloriamente o seu belo esforço, classificando-se em 21.º lugar.

A média de 33,641 Kms. é muito boa.

As equipas, mantiveram as suas posições, muito embora os homens do Sporting tivessem «martelado» de quando em vez. Nos primeiros postos da classificação individual... nada de novo.

10.ª ETAPA — LOULÉ-SETÚBAL — (292 k. 900)

VENCEDOR — António Maria (Caco) em 9 h. 30 34 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto, com 137 h. 05 m. 49 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto).

A Volta deste ano, vai proporcionando, dia a dia, motivos atléticos que fazem rejubilar os verdadeiros e ímpolitos desportistas. Acima da rivalidade clubista, a formosura dos feitos impõe-se como magnífica realidade. Ontem, hoje, amanhã, a luta plétórica continuará!

A tirada de hoje ficará a perdurar por muito tempo... António Maria, o brioso corredor do Campo de Ourique foi a figura impressionante desta longa ti-

rada, a maior, cerca de 300 quilómetros. Todas as palavras de louvor são modesta homenagem ao pundonor do homem que correu sozinho, à roda de 240 quilómetros. O seu magnífico espírito de sacrifício, permitiu-lhe, guindar-se ao segundo lugar da classificação geral, a poucos segundos de Dias Santos, o «camisola amarela». Bravo, António Maria!

Palavras de grande apreço merecem, por igual, Joaquim Anacleto e Manuel Palmeiro, que com o vencedor, formaram o «trio» que se distanciou dos restantes. João Rebelo, demonstrou, por forma evidente, que não está «pronto». Conseguiu juntar-se aos fugitivos, depois de tenaz perseguição, mas a 23 quilómetros de Setúbal, o «azar» foi mais forte do que a sua vontade e ficou na estrada a contas com um arreliante «furo». O tempo do vencedor, dá a média de 30,840, que merece boa nota dada a extensão do percurso.

No pelotão da rectaguarda, os primeiros planos mostraram-se, confiantes em demasia e não ligaram importância ao atrevimento dos mais atrasados, excepto Fazzio e Bermudez, que aceleraram o andamento, por iniciativa do último, obtendo um 6.º e 5.º lugares, muito bons.

O Sul hoje marcou posição por intermédio do Benfica e do Campo de Ourique. Por equipas, o Porto continua na vanguarda, mas as classificações dos restantes, modificou-se.

11.ª ETAPA — SETÚBAL-SANTAREM 142 k. 700)

VENCEDOR — Mateo Gil (Barcel.) em 5 h. 04 m. 03 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto com 153 h. 31 m. 43 s.

CAMISOLA AMARELA — Dias Santos (Porto).

Para não fugir à regra, outro homem tentou a sorte e venceu. Este, da equipa do Barcelona, Mateo Gil, ganhou 24 minutos a um pelotão de quarenta e quatro unidades, que entrou em Santarém, com o mesmo tempo. Desde a recta de Pegões que o barcelonês caminhou isolado para a meta, perante a indiferença dos restantes, que não se preocuparam, dada a má classificação do ousado. Mesmo assim, não pode deixar de se averbar como meritório o esforço despendido, que denota vontade, brio e desportivismo. Não são apenas os primeiros da tabela da classificação geral que merecem louvor. Os ou-

Série II — Ano VIII — N.º 401
Lisboa, 9 de Agosto de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.ª
Telefone. 31187 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA
Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

tro, embora não tenham sido regulares no andamento, quando se empregam a «fundo» e conseguem fazer vingar as «fugas», bem merecem da nossa simpatia. Houve tentativas, ainda, de Rebelo e José Pedro Silva, que não resultaram. Dias Santos, à entrada da ponte de Santarém teve um «furo» e por isso aguardou alguns momentos a substituição da máquina.

António Maria, porém, não atacou e lá se foi uma oportunidade de reduzir em alguns segundos a diferença que o separa do «camisola amarela».

A contagem para o prémio da montanha, foi ganha por Langarica que ficou em primeiro lugar com 42 pontos, seguido de Manolo Rodrigues com 34.

Podemos, com propriedade, classificar de branca esta etapa. Os consagrados não se empregaram. As posições individuais e colectivas mantiveram-se.

12.ª ETAPA — SANTAREM-LISBOA (78 k.)

VENCEDOR — *Guilherme Jacinto* (Benf.) em 2 h. 03 m. 01 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto com 159 h. 58 m. 28 s.

CAMISOLA AMARELA — *Dias Santos* (Porto).

Cortaram a meta, em Lisboa, destacados do pelotão, mais dois estradistas dos atrasados: *Guilherme Jacinto*, do Benfica e *Fortunato Pereira*, do Campo de Ourique. Ambos se esgueiraram do pelotão, na descida para Vale de Santarém. Como de costume, o pelotão não reage, porque os dois «fugitivos» não se encontram em condições de produzir estragos na classificação dos mais adiantados. O avanço cifrou-se em 4 m. 6 s. Ainda *Celestino Duarte*, do Salgueiros e *Albano Coelho*, do Campo de Ourique, conseguiram chegar à frente, isolados, do grosso do pelotão. Também não interessava o seu adiantamento. Figuram quase na cauda da tabela.

Não foi nesta etapa, a exemplo da anterior, que se desferiram «golpes» com o fito de alterar o estado actual. Podemos dizer, que foi mais uma etapa de sossego. Agora a caminho do Norte, é muito possível, que se comecem a empregar com afoiteza, na mira de alicergarem os

postos obtidos, uns, e com a finalidade de se fixarem melhor, outros.

A tirada de amanhã, que leva a caravana até Figueira da Foz, onde descansará, merecidamente, pode ser que nos traga alguma novidade. Aceitamos a ideia de «fugas» sim, mas por parte dos que não podem fazer mal aos primeiros.

Em todo o percurso milhares de pessoas aplaudiram sem cessar. Automóveis, bicicletas e motos eram às centenas. De Santarém a Lisboa, a marcha, pode classificar-se de apoteótica, sob o ponto de vista espectacular.

13.ª ETAPA — LISBOA-FIGUEIRA DA FOZ (218k.100)

VENCEDOR — *Langarica* (Acad.) em 8 h. 09 m. 31 s.

1.ª EQUIPA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL — F. C. Porto com 184 h. 27 m. 01 s.

CAMISOLA AMARELA — *Dias Santos* (Porto).

Esta etapa não trouxe alterações. Uma tirada em branco. Tudo decorreu em sossego. Registraram-se tentativas de fuga de *Augusto Correia*, no Turcifal, e mais adiante de um grupo composto por *Lopes, Coelho, Louro, Fernando Moreira* de Sá e *Alberto Coelho*, que não resultaram, devido à reacção pronta do pelotão.

Até às Caldas, o andamento é feito em pequena velocidade, porque o vento sopra de frente e fustiga deveras. Nesta cidade, *Rola, Joaquim Apolo, Palmeira, Pedro Silva* e *José Gonçalves* experimentam... mas o pelotão não esteve disposto a dar «largas» e a tentativa malogrou-se.

O «passeio» continuou e o vento também. Nada de notável a assinalar.

Perto da Nazaré, porém, *Langarica* e *Bermudez*, dois consagrados, pretendem fugir e conseguem-no. Mas, um minuto depois, o pelotão «absorve-os».

Até à Figueira, registraram-se ligeiros atrasos de três ou quatro homens tendo sido averbado o mesmo tempo a 44 estradistas.

TAVARES DA SILVA

Assinem a
«STADIUM»

Os ciclistas chegaram a Lisboa

Comentários e rápidas entrevistas

(Continuação da página 9)

zem quase 4 minutos de avanço os benfiquistas exultam e manifestam-se ruidosamente. Os adeptos do Campo de Ourique, embora em minoria, não deixam de vincar a sua presença, aplaudindo com vigor.

O ambiente aquece. Milhares de olhos convergem para a entrada do túnel. Nota-se mais efervescência.

A pista começa a ter gente nova. São os jornalistas, fotógrafos, massagistas, mecânicos, delegados dos clubes, o director da corrida, membros do júri, numa palavra, os responsáveis da caravana. Trocam-se abraços. Ouvem-se brados de saudação aqui e acolá, entre amigos que já não se encontravam há mais de uma semana. Estabelece-se dialogação viva. O tema das conversas é, como não podia deixar de ser, a Volta, sempre a Volta.

Reparámos na variedade de indumentária, pitoresca e curiosa, apresentada pelos componentes. É uma nota saliente da reportagem.

São 18 horas e 34 minutos.

Faz-se um grande silêncio em todo o Estádio. O momento é de expectativa, que não dura senão uns escassos segundos.

A entrada da pista surge uma camisola encarnada, logo seguida de outra, esta do Campo de Ourique. Começam as aclamações, que são mais espontâneas e mais demoradas, durante a volta à pista. *Guilherme* e *Fortunato* foram os primeiros a receber as palmas de boas-vindas. No rosto de ambos, espelha-se bem a alegria do triunfo.

Um compasso de espera. Depois, vem o grosso do pelotão, recheado com os nomes mais queridos. Entre o policromo das camisolas, destaca-se a amarela do guia da classificação. As palmas reboam, as exclamações vibrantes não cessam!

Todos são acarinhaços por igual. As cores das camisolas mais do agrado do público, são distinguidas, no entanto, à passagem, com incitamentos mais persuasivos.

O público da capital, viu confirmado o seu mais secreto desejo. O vencedor foi um homem de Lisboa e o segundo também.

Começa a debandada. O Estádio esvasia-se lentamente. Na Alameda das Linhas de Torres, um mar de gente, dirige-se para o Campo Grande, em busca de transportes. Ouvem-se, ainda, palmas, quando passa um carro de apoio, com os ídolos. O vozear das múltiplas conversas, torna o ambiente clamoroso.

Não deixamos fugir a oportunidade que se nos deparava e acercámo-nos de alguns dos ciclistas para ouvir as suas impressões.

As respostas foram breves, telegráficas. De facto, o momento não se prestava. Mesmo assim, interessam à reportagem e, de certo, aos leitores.

Ouçamos, portanto, os «ases» do pedal:

Guilherme Jacinto

Estou contente por ter vencido esta etapa. A minha má classificação actual, deve-se a não me terem corrido as coisas de feição. Não sei quem ganhará a Volta. Eu é que não sou, concerteza. Se é verdade, como me disseram, que obtive a média de 38 K., a melhor de todas, isso me basta.

Dias Santos

A camisola amarela será defendida com unhas e dentes. Sinto-me bem disposto e não estou arrazado, como já ouvi dizer. Os meus companheiros ajudam-me sinceramente e com muita utilidade. Ainda falta um bom pedaço para chegar ao Porto. Daqui até lá muita coisa pode suceder. Estarei vigilante para não me apanharem desprevenido. Se ganho? Sabe-se lá...

Mário Fazzio

A Volta tem sido dura, por causa das estradas. As coisas não têm corrido de forma propícia. A posição que conquistei não é má... mas poderia ser melhor... e talvez venha a ser... Se ganho a Volta? Talvez sim e talvez não... No Porto, respondo concretamente.

António Maria

O meu segundo lugar na classificação geral dá-me muita satisfação. Estou próximo do camisola amarela, muito bonita é verdade... mas perigosa. Até à Figueira não deve haver novidade, quanto a ataques, mas depois do descanso, é possível que os outros me pretendam desalojar. Se não surgirem percalços talvez me agüente...

José Martins

Tenho corrido como me parece mais aconselhável. Ainda faltam muitos quilómetros para chegar ao fim. Não vou mal colocado e o físico está em condições de «aguentar» e de «puxar» se for preciso. Esta será a minha última Volta. Não lhe posso responder se tentarei ganhar ou não. Cá vou indo, sossegado e sem alaridos... que não são aconselháveis.

João Rebelo

Ainda não estou «prontos» como injustamente propalam. Parece-me que provei na tirada para Setúbal de que ainda tenho «epernas» para andar num «passo» que nem todos podem acompanhar. Não digo isto por vaidade... mas só porque não gosto de ser apoucado sem motivo. Este ano as coisas têm corrido, para mim, muitíssimo mal...

PITTA CASTELEJO

ARCADIA DANCING DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

Grande sucesso do

BALLET MONTENEGRO

Mary Mely — Herm. Goyescas — Adoracton Rys — Charito Moreno — Perla Levante — Julita Manjon — Mary Arilla — Esperanza Muñoz — Ana Murla

DUAS ORQUESTRAS

Nocturnos e Arcádia

Sucesso clamoroso de

Rosario Guerra



Teixeira da Silva, antigo jogador do Estoril Praia, hoje capitão da equipa do 1.º de Maio de Lourenço Marques entrega um ramo de flores a Francisco Ferreira

BENFICA em ÁFRICA



A equipa do Benfica e os seus dirigentes no novo campo do Desportivo de Lourenço Marques. Ao lado da equipa: Francisco Retorta, dr. Estevão Moreira, António Ferreira e Joaquim Bogalho, dos corpos gerentes do S. L. B.; dr. José Pinho, médico do clube; Rebelo da Silva e Luís Alves, jornalistas.



No palácio do Governador Geral. O sr. comandante Gabriel Teixeira dando as boas vindas à embaçada do Benfica



Aspecto da inauguração do campo do G. D. de Lourenço Marques — filial dos «encarnados». Este parque de jogos foi propositadamente construído para ser inaugurado pelo Benfica, no tempo «record» de 9 semanas.

LA VÃO ELES!...

Nicolau e Trindade voltaram de novo à nossa maior prova velocípédica, mas desta vez montando bicicletas «Vilar» equipadas com motores «Cuciollos».

Lá vão eles!... e pela beirada das estradas o povo junta-se a dar continuidade entusiástica à popularidade que durante tantos anos os dois ciclistas desfrutaram.



INSTANTANEO DA VOLTA



Os corredores do Louletano têm tido nesta 15.ª Volta a Portugal comportamento abaixo das suas possibilidades.



Na etapa Guarda-Castelo Branco, quando se fez a segunda contagem para o Prémio da Montanha



Quando o pelotão entra nas terras do percurso a alegria invade tudo e todos. Eis um grupo de corredores do Benfica com João Rebelo



Os cantoneiros das estradas são preciosos auxiliares da caravana, que muito lhe fica devendo. Diligentes, obsequiosos, mitigam a sede, regam os caminhos e orientam o rumo: Na foto, um desses prestáveis colaboradores.

PORTUGAL venceu a ESPANHHA

no 5.º ENCONTRO DE ATLETISMO

PELA segunda vez nos cinco encontros que a história comporta, a selecção portuguesa venceu o «match» ibérico de atletismo; se, da primeira vez, os nossos adversários puderam invocar razões atenuantes para a sua demasiado expressiva derrota, agora a decisão é incontroversa, arrancada à força de brio e valor técnico — contando com os imponderáveis que sempre surgem em competições deste género — sobre um conjunto cuidadosamente preparado e que merecia à opinião crítica espanhola absoluta confiança. É ler o tom dos prognósticos na imprensa vizinha.

Os nossos atletas, alguns dos quais encontraram no incentivo da luta motivo para alcançarem os seus melhores resultados, demonstraram que a vitória num encontro de equipas se não alcança apenas pela presença do maior número de primeiros valores; a homogeneidade do conjunto é o principal factor de vitória e graças a ele triunfámos dos espanhóis: lutando com o mesmo empenho por um primeiro ou um terceiro lugar.

Se, no primeiro dia de provas, os adversários se podem queixar da sorte contrária, o mesmo nos sucede na jornada imediata; a forçada ausência de Paquete foi pesado «handicap», felizmente superado pelo valor das nossas reservas e ninguém esperaria também a derrota de Alcide nas barreiras ou que nenhum dos lançadores de dardo atingisse os cinquenta metros.

O encontro trouxe aos dirigentes portugueses preciosos ensinamentos,

(Continua na página 7)



O espanhol Martínez triunfa no salto em altura com 1^o,88



Uma bela fase dos 110 metros barreiras em que foi o vencedor Junqueiras com 15,7 s.



1 — Alvaro Dias, bellissimo no salto em comprimento ganha a prova com 7,29 m. 2 — A equipa portuguesa dos 4 x 400 (Casimiro, Canhão, Natal e Artur Dias) que não só obteve bom triunfo como estabeleceu o novo recorde nacional (3 m. 26,5 s.). 3 — Os 300 metros, obstáculos, que o espanhol Lousada ganhou.



Os seleccionados para o 5.º encontro de Atletismo entre Portugal e Espanha



Eleutério, substituiu muito bem Paquete, ganhando os 200 metros em 22,6 s.



Rui Maia concluiu vitorioso os 100 metros no tempo de 10,8 s.



Flagrantes

O DESPORTO PORTUGUÊS EM GRANDE EVIDÊNCIA

RESSOAM por todo o País os ecos da estrondosa recepção que o Benfica vem tendo no Continente Africano, enquanto se realiza a «Volta a Portugal em bicicleta» e se faz o «Portugal-Espanha, em atletismo».

O desporto nacional vive, pois, em hora de festa, vencendo com brilho e resolução a apagada e vil tristeza a que parece condenado pela direcção suprema... A mocidade de Portugal alegre e físico e o espirito, indiferente e sobranceira ante uma intelectualidade esquisita e pretenciosa...

ADORAÇÃO PELOS CAMPEÕES LATINOS

As manifestações de simpatia calorosa pelo Benfica continuam em toda a Africa no mesmo tom em que começaram. Os correspondentes dos jornais não cessam de esclarecer que não há palavras para referir o que aquilo tem sido. E não haverá! Toda a gente em Portugal, mesmo que não seja do desporto, ouve há cinquenta anos falar do Benfica. Os jornais, dia a dia, durante esse longo periodo de tempo, nunca cessaram de cantar as suas vitórias, os seus triunfos, as inúmeras façanhas dos seus imensos e categorizados atletas. Imagine-se o que será o momento actual para o português de Africa, há longos anos a ler e a ouvir pela rádio essas mesmas notícias! Com a tendência portuguesa para querer bem às coisas verdadeiramente portuguesas, o que é, afinal, autêntico patriotismo, a viagem de representação do Sport Lisboa e Benfica, às possessões portuguesas de Angola e Moçambique, à Africa do Sul e ao Congo Belga, é um acontecimento que os portugueses africanistas só terão possibilidade de viver por esta vez única!

Para enaltecer a brilhante iniciativa que levou os prestigiosos desportistas a regiões tão distantes e tão portuguesas, nada mais seria preciso que arvorar a gloriosa bandeira do clube que Cosme Damião mais do que ninguém prestigiou e engrandeceu. Mas o brilho do acontecimento atinge o sensacional, precisamente porque o Benfica teve em 1950 uma das épocas de maior e mais amplo sucesso, que terminou com a conquista da Taça Latina em final que excedeu tudo o que possa imaginar-se do ponto de vista de emoção e grandiosidade! A águia voadora, assim, tão alto quanto o prestigio dos seus dirigentes e atletas guindaram a colectividade.

A «VOLTA» COMEÇA AGORA!

Já o disse e confirmo: não sei de ciclismo coisa que valha. Limite-me a ler tudo ou quase tudo quanto nos jornais se escreve por esta e semelhantes ocasiões e apercebo-me do que seja através do que opinam este ou aquele que no meu critério são reputados os mais fortes. Gil Moreira é, para o efeito, o meu idolo no jornalismo. É que Gil Moreira sobre ter sido um ciclista distintíssimo é um jornalista deveras curioso que escreve com simplicidade mas também com elevada dose de positivismo. Os seus artigos sobre o que faria «se corresse» são, de todos os modos, uma critica de natureza técnica, moral e desportiva ao que se passa na «Volta».

De sorte que se eu opino que o F. C. Porto será, porventura, a melhor equipa, é porque Gil Moreira me fez compreender que assim é. Se vejo em Dias Santos um valoroso ciclista, capacíssimo de ganhar a «Volta» é porque o antigo corredor e brilhante jornalista afirma isso mesmo nas suas crónicas.

Sou razoável pensando assim: em assuntos de natureza técnica, ouçam-se sempre os técnicos. Simplesmente, eu também sou fã e, como homem, tenho as minhas paixões e preferências. Em ciclismo há um atleta que não conheço, que sempre conquista brilhantes classificações mas que nunca ganhou a Volta. Quase todos os anos eu penso: fulano ganhará a Volta. E torço por ele, e apresso-me sempre em saber como e quando chegou. Vivo e sinto os seus desaires e os seus triunfos. Mas o ciclista nunca me fez a vontade, nunca arrancou como o César Luis uma vez o fez, por exemplo, em que ganhou vinte e tal minutos de uma assentada.

O João Rebelo (é esse o ciclista que prefiro!) nem eu sei se é homem para arrancadas tão sensacionais. O que sei e estou vendo nos jornais é que João Rebelo cada vez puxa menos. O José Martins bem se esforça por levar o nome do Benfica para a frente da classificação mas não tem, ao que parece, auxiliares de jeito.

Evidentemente, que os meus leitores não-de pensar que eu estou a vibrar exageradamente com a corda do Benfica! Deixá-lo. Dos meus sentimentos pessoais e particulares não digo eu uma palavra que denuncie o clubismo acerado que me apoquento. É esta pequena coragem não a têm todos!

Mas eu penso que, com os ares cá do Sul, a gente do Benfica e do Sporting vai agora dar uma arrancada vigorosa. Assim o penso...

O ATLETISMO NACIONAL ESTÁ EM PROGRESSO

Também neste sector desportivo tenho um guia que me elucida. Trata-se nada mais nada menos que do Alberto de Freitas, jornalista distintíssimo e técnico de incontestável valor que ao atletismo português tem dado a melhor contribuição, quer preparando e fazendo atletas quer escrevendo e fazendo doutrinação. Sem favor, Alberto de Freitas é a mais forte vontade que o nosso País tem tido pelo progresso do atletismo.

Pois o Alberto de Freitas vai esclarecendo todos aqueles que, como eu, ou por sua vida oficial ou por simples negligência não acompanham como ele a vida diária e constante dos nossos atletas.

Segundo Alberto de Freitas, o Portugal-Espanha em atletismo será uma prova difícilíssima para os portugueses — apesar de todo o incontestável progresso dos nossos representantes. Sobre tudo em provas de velocidade prolongada, e apesar das revelações recentemente feitas, os espanhóis estão em posição de discutir conosco uma supremacia que, ao

que parece, não existirá para qualquer lado, em valor absoluto.

A hora a que escrevo não sei como as coisas se passarão, mas jogo pelo Alberto de Freitas que ele, em questões desta natureza, joga sempre bem — muito embora seja, como eu, também fã. Do que não tenho dúvidas é que os atletas portugueses farão tudo quanto puderem para vencer. O possível, claro! que isso se re recomendar o impossível é rematada asneira.

E depois, é aguardar o que possam fazer os atletas já seleccionados para o torneio europeu que vai realizar-se na Bélgica. A representação portuguesa parece acertada. Necessário se torna, apenas, que os seleccionados se dediquem ao esforço de uma representação honesta e que, sobretudo, se disponham a ver os grandes concorrentes seus companheiros. Consoladora a ideia de que nem tudo nesta Europa devastada e sem tino se perdeu ainda. Os homens responsáveis podiam bem, atentando na livre e leal convivência dos desportistas, deixar para o esquecimento os planos de guerra que porventura tenham organizado. A guerra dos cem metros e dos saltos em altura tem grandeza infinitamente maior e é a única verdadeiramente humana e progressiva.

Mário Santos

DOMINGOS LOPES & C.ª, L.ª

Rua Alexandre Herculano, 88

Telefone, 47

BRAGANÇA

ARMAZEM DE MERCEARIA • ARTIGOS DA REGIÃO •
ALFALIAS AGRÍCOLAS • FÁBRICA DE CHOCOLATES • TOR-
REFACÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ

CONFEITARIA PROGRESSO

DOMINGOS MANUEL DE CARVALHO

Confeitaria, Cervejaria e Tabacaria

CHÁ e CAFÉ • BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Rua Alexandre Herculano, 29, 31 e 33

BRAGANÇA

FÁBRICA DE CHOCOLATES, CACAUS E REFRIGERANTES
ARMAZENISTAS DE MERCEARIA

José Maria Gomes & Filhos

CEREAIS, CASTANHA, NOZES, RATAIA, IAS, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO,
FAZENDAS E MIUDEZAS

DEPÓSITO DE SAL E ADUBOS

Avenida João de Deus

Telefone, 32

BRAGANÇA

ANICETO GONÇALVES & C.ª, L.ª

FAZENDAS E MERCEARIA

Correspondente dos:

Banco Português do Atlântico, do Porto,
e Banco Burnay, de Lisboa

Agentes da Companhia de Seguros «O TRABALHO»

116, Rua Alexandre Herculano, 118

Telefone, 48

BRAGANÇA

Portugal 109 p. Espanha 101. p

— O encontro ibérico certificou o progresso do atletismo nacional apontando a necessidade de trabalhar ainda mais e melhor

(Continuação da página 5)

apontando-lhes os pontos fracos do nosso atletismo; precisamos de novos lançadores e de «fazer» corredores de meio-fundo, descontraindo e resistentes, preparados em moldes técnicos diversos, porque os actuais — sem excepção, — não possuem classe internacional. Deixemo-nos de ilusões, que os torneios em casa podiam alimentar em quem não soubesse ou quizesse ver, mas que ao primeiro confronto internacional se mostraram à evidência até ao mais leigo.

Trata-se de uma deficiência técnica que os nossos orientadores — a cuja competência provada rendemos homenagem — saberão corrigir ante a lição dos factos.

O nível dos corredores de fundo, também desceu apreciavelmente, mas atribuímo-lo a crise ocasional de recrutamento de valores; temos Filipe Luis, que já é veterano, e nada mais. O jovem Lourenço desiludiu; ainda não alcançou a sua melhor condição, por carência de fundo.

Finalizemos este comentário geral registando com satisfação a boa forma dos dois atletas seleccionados para os campeonatos da Europa e que puderam participar do encontro. Luis Alcide, melhorando a marca nacional e Alvaro Dias provando que o pode conseguir também, averbando ambos marcas de categoria continental, permitem-nos esperar que a presença do atletismo português em Bruxelas não seja apenas protocolar. São homens para figurar nas finais das provas respectivas, classificando-se entre os dez melhores.

Isso nos satisfaria; porque não queremos mostrar-nos demasiado optimistas.

ANALISE ÀS PROVAS

A primeira jornada correu mais favorável do que era de prever: pela incompreensível eliminação prematura de Ralló no salto à vara e pela queda que relegou Baldomá para o último lugar da prova de obstáculos. Imponderáveis sempre presentes nas competições desportivas, mas que desta vez — e tantas outras tem sido ao contrário — nos favoreceram em meia dúzia de pontos.

O lançamento do martelo — a prova que os espanhóis queriam eliminar do programa e para cuja defesa os federativos nacionais aceitaram a adição dos 3000 m. — custou-nos 3 pontos. Verifica-se, portanto, que não valia o sacrifício, o que era de augurar para quem conhecesse as marcas actuais dos nossos adversários.

Deu-se, neste concurso, a única falha de organização: a ausência de martelos oficiais, apresentando-se como bons aqueles trazidos por Herculano Mendes e que, é claro, verificados a pedido dos espanhóis, tinham vinte centíme-

tros a mais no comprimento. Foi necessário esperar que alguém corresse ao campo do Benfica a buscar um martelo regulamentar.

A prova mais emocionante da jornada, foi a estafeta de 4 x 400 m., na qual Casimiro, Canhão e Natal lutaram heróicamente para dar a Artur Dias uma vantagem de uns cinco metros que este transformou em quinze, contra o melhor espanhol, Formica, o homem dos 49,5 s.; a equipa, portuguesa, com 3 m. 26,5 s., estabeleceu novo mínimo nacional.

Outro recorde foi ainda melhorado nesta tarde, aquele que de há muito se esperava: o do triplo-salto, que Alcide elevou a 14",76, uma das melhores marcas europeias do ano.

A representação portuguesa teve vantagem mais, nos 200 m., absoluta, com Eleutério e Casimiro nos primeiros lugares em 22,6 s. e 22,7 s.; no lançamento do peso, ganhou no sexto ensaio por Manuel da Silva, com 13",49 e Ferreira em terceiro lugar com 12",68, recorde pessoal.

Nas restantes provas os espanhóis somaram mais pontos, sendo para nós a pior a corrida de 800 m., onde se confirmou a falta de classe dos corredores de meio-fundo. Nos 5000 m., tanto Filipe Luis, 2" em 15 m. 36s., como Lourenço, 3" em 15 m. 39,2 s., alcançaram as suas melhores marcas, o que não impediu que Coll os batesse largamente; faltou, ao primeiro, fundo para a última volta e Lourenço não aguentou o andamento imposto pelo catalão, cuja mecânica é magnífica. Descolado a quatro voltas do fim, o belenense não pôde aplicar a sua arma decisiva.

Das marcas do dia, 13 superaram os oitocentos pontos finlandeses: 14",76 no triplo por Alcide, 894 p.; 55,8 s. nos 400 m. barreiras, por Junqueiras, 867 p.; 15 m. 26,4 s. na légua por Coll, 864 p.; 1 m. 57,6 s. nos 800 m., por Castro, 853 p.; 15 m. 36 s. na légua, por Filipe Luis, 836 p.; 1 m. 58,4 s. nos 800 m., por Macias, 834 p.; 15 m. 39,2 s. na légua por Lourenço, 826 p.; 15 m. 40 s. na légua, por Yebra, 824 p.; 13",96 no triplo, por João Vieira, 812 p.; 1 m. 59,6 s. nos 800 m., por Branco e Silva, 807 p.; 22,6 s. nos 200 m., por Eleutério, 805 p. e 57,4 s. nos 400 m. barreiras, por Matos Fernandes, 801 p.

A segunda jornada, a da confirmação, foi influenciada nos resultados pelo forte vento que soprava no Estádio e pelo estado inconsistente da pista, acabada de reparar e que após os 1500 metros ficou, à corda, positivamente «lavrada».

Os atletas portugueses lutaram com o mesmo entusiasmo da véspera e pode afirmar-se que o encontro foi ganho pela maior homogeneidade dos nossos segundos planos. Senão, veja-se a dis-

tribuição dos lugares nas provas do programa: em 18 provas individuais, a Espanha alcançou 12 primeiros lugares, mas Portugal ocupou 15 segundos, 9 terceiros e venceu as duas corridas de equipas.

Os 100 e os 400 m., vitórias de Maia e Artur Dias, foram as corridas mais animadas, assim como os saltos em altura (Martinez, 1",88; Seródio, 1",81; Baptista, 1",78) e comprimento (Alvaro Dias, 7",29; Ponce, 6",995). A estafeta final, porque decidia da vitória portuguesa ou do empate, teve particular emoção.

A ausência de Paquete, motivada por lesão muscular, de Muralha e de Eduardo Silva nos 1500 m., foram precalços que conseguimos tornar sem prejuízo de maior.

As marcas que, no domingo, excederam os 800 pontos, foram 10: 100 m. em 10,8 s. por Maia, 902 p.; 1",88 em altura, por Martinez, 884; 7",29 em comprimento por Alvaro Dias, 883; 10,9 s. nos 100 m., por Nuncio e Ruano, 872 p.; 44",04 com o disco, por Torres, 835 p.; 4 x 100 m. em 44,2 s., média de 11,05 s., pela equipa portuguesa, 828 p.; 15,7 s. em 110 m. barreiras, por Junqueiras e Durão, 818 p.; 6",995 em comprimento, por Ponce, 802 p.

SALAZAR CARREIRA

LOPES & POUSA, L.^{DA}

R. ALEXANDRE HERCULANO, 105

BRAGANÇA

Tecidos - Miudezas - Mercadorias

Chapéus PALMARES

exclusivo desta casa.

Agentes no Concelho de

SUPERSUMOS, LDA.

(VITASSUMO E CIDOR)

cidra Portuguesa

ANTÓNIO AUGUSTO PIRES

220, R. Combatentes da G. Guerra, 222

BRAGANÇA

Todas as peças para automóveis

Bicicletas

Agentes dos pneus MABOR

Óleos e massas consistentes

Material eléctrico

Isqueiros

ANTÓNIO FERNANDES

MIRANDA BRAGA

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 15

BRAGANÇA

Fazendas, Modos, Miudezas, Livra-

ria, Papalaria, Mercadoria e Louças

Deposítario de

Sumo de uva «GRAPINA»

Agua: Vidago, Malgoço e Pedras

Salgadas

Telefone 43

IMPÉRIO DOS SANTOS

(Continuação da página 12)

O rapaz não está afeito a isto e é preciso que eu vele por ele. Somos muitíssimo amigos e compreendemo-nos perfeitamente.

— Dos participantes na corrida, que me diz?

— O melhor, Dias Santos, conterrâneo, vizinho e amigo. Foi pena ter vestido a camisola amarela cedo demais. Vai ser obrigado a defendê-la com unhas e dentes. Tem valor para isso. A equipa do Porto, com excepção de Fernando Moreira de Sá, não o deve poder ajudar. Embora boa, quanto a mim, a do Académico é mais experiente e tem mais fundo.

— Quanto ao Benfica...

— Estará presente, — atalhou. Conto com a subida de forma de José Martins e com a recuperação de Rebelo. Para a equipa falta o «terceiro homem». Talvez seja eu...

— Sobre a organização?

— Boa sem dúvida, mas há gente a mais. Um problema esse dos alojamentos...

Esta conversa teve lugar na Guarda.

Finda a tirada de Loulé, sorridente, ao ver-nos exclamou:

— Isto hoje foi melhor. Conseguir dar um ar da minha graça... O meu irmão preocupa-me e continuo a olhar por ele. Dizem, por aí, injustamente, que estou a prejudicar o Benfica. Mentira. Cêncio das minhas responsabilidades actuo de acordo com o meu brio de atleta, sem esquecer o respeito e o dever que assumi para com o prestigioso clube que represento. Esta é a única verdade!

TAVARES DA SILVA



TAÇAS DE PRATA para prémios desportivos

HA SEMPRE UM
ENORME SORTIDO
de taças de vários modelos
e para todos os preços

OURIVESARIA

(CASA DAS BENGALAS)

87 — Rua da Prata — 81

Assinem a
STADIUM

O BOM POVO PORTUGUÊS,

fidalgo e hospitaleiro tem delirado com a **Volta a Portugal**, acarinhando com desvelo os gigantes da estrada

Os ciclistas em «fila indiana», pedalam sob o sol ardente...



Guilherme Jacinto, Artur Lopes e Manuel Palmeira, dois benfiquistas e um cleão, olham para a objectiva do nosso fotógrafo



A Volta continua... e o esforço também



A passagem pelo Portinho da Arrábida, recanto encantador de Portugal, os corredores marcham em pelotão numeroso



Império dos Santos, do Benfica, brilhante vencedor da tirada Évora-Loulé



Sem público a aplaudi-los os ciclistas marcham vagarosamente



Na mesma etapa, outro pelotão é saudado vibradamente pelo público que se apinha aos lados da estrada



Manuel Palmeira (Benf.) o 2.º a cortar a meta em Setúbal, fala ao microfone da Emissora Nacional



Guilherme Jacinto e Fortunato Pereira, os líderes da etapa Santarém-Lisboa, pedalam com valentia. O pelotão vem longe...



Na etapa Setúbal-Santarém, José Martins vai à «cabeça» de um pelotão



No escaldado Alentejo, os corredores, lançam-se com ânimo em busca de uma posição condigna

A expectativa pela chegada dos brilhantes estradistas era grande. O público que emoldurava o Estádio «José Alvalade», não escondia a ansiedade de que estava possuído. Após o bellissimo comportamento das equipas do Sul na tirada Loulé-Setúbal, aguardava-se, com certa confiança e optimismo, que a meta da capital fosse cortada em primeiro lugar por um homem do Sporting, Benfica, Campo de Ourique ou Louletano.

Os comentários fervilhavam. Arriscavam-se prognósticos mais ou menos falíveis. Os nomes dos elementos mais destacados eram proferidos com insistência. As qualidades e defeitos de cada um, apreciadas com veemência.

E a rivalidade clubista pairava também no ar, tornando aliciente este embate de paixões, fulcro da compita desportiva, que abrange os dois sexos, ambos ruidosos comentadores do acontecimento máximo deste domingo soalheiro e convidativo à contemplação dos grandes espectáculos.

Manhã cedo, milhares de aficionados, munidos do inseparável farnel lá foram procurar posições à beira da estrada, sob o umbroso arvoredo, para ver passar os ídolos da estrada e da pista. Contavam-se por muitos milhares.

No Estádio, todos os que, como nós, acompanhavam de perto, a grandeza desta corrida, — a maior e a mais importante do nosso País — não podiam esconder a impaciência, por ver entrar na pista, esses denodados e briosos estradistas! Todas as etapas percorridas ficaram assinaladas por uma proeza. Ora um, ora outro, — não importa o nome ou a posição na tabela da classificação, souberam impor-se à admiração do público, mercê da velocidade imprimida à luta, embalando irresistivelmente a caminho do final do percurso, numa demonstração insofismável de vontade, ardor combativo e dignidade atlética! Bem-hajam, rapazes!

Nas estradas, no Campo Grande, na Alameda das Linhas de Torres, mole compacta aguardava, também.

Os alto-falantes vão anunciando a passagem por diversas localidades. Estrugem palmas. Quando se sabe que Guilherme Jacinto e Fortunato Pereira tra-

(Continua na página 3)



Antonio Maria, que depois duma fuga inolvidável durante cerca de 250 quilómetros, se firmou em 2.º da classificação geral, fala em Setúbal, após a chegada, ao micro da Emissora Nacional



O barcelonês Mateo Gil, 1.º em Santarém, corta a meta com um avanço

António Maria

dedica a sua brilhantíssima vitória na etapa Loulé-Setúbal, à massa associativa do CAMPO DE OURIQUE

ANTÓNIO MARIA, deixou o seu nome ligado, de forma indelével à XV Volta a Portugal, pelo seu brilhantíssimo comportamento na etapa Loulé-Setúbal, a maior de todas em extensão — cerca de 300 quilómetros.

O brioso atleta do Campo de Ourique, foi um vencedor formidável. Proeza só possível em almas de rija tempera, que não aceitam o desalento, ao invés, lutam com estoicismo até ao limite da resistência humana. Que grande exemplo de perseverança!

Terminada a prova, ainda ofegante pelo tremendo esforço generosamente despendido, ao presidente do Clube Atlético de Campo de Ourique, sr. Augusto Tavares disse:

O nosso clube venceu. Estou tão contente que... Não pôde prosseguir. As lágrimas corriam-lhe pelas faces empastadas de poeira e suor. Tavares também chorava. Os que rodeavam o «herói» não puderam reprimir uma lágrima teimosa... As grandes alegrias também fazem chorar... O nosso clube venceu... falou alto, no momento alto do triunfo, o autor clubista... Na vida, nem sempre impera o egoísmo...

Já tínhamos de há muito, em mente, ouvir as impressões deste modesto mas simpático e apuradíssimo rapaz.

Procuramo-lo. As declarações produzidas são desasombrosadas:

— Vão para todos os sócios e adeptos do meu clube e para os meus conterrâneos da Lourinhã, as minhas melhores saudações.

Avalio do seu contentamento e alegria, que por igual sinto.

— Você foi formidável, António Maria — dissemos.

— Formidável não digo —

respondeu. Limitei-me a andar bem. De há tempo que trazia comigo o desejo de me afoitar nesta tirada. A rainha do Sado exerce sobre o meu espírito decidida atracção. Há dois anos no percurso Setúbal-Lisboa, consegui um avanço de 24 minutos e o ano passado, ao chegar a Loulé, com partida de Setúbal também, arrebatel a camisola amarela, que hoje me escapou por um triz... — Como decorreu esse caminhar de 250 quilómetros em «fuga»?

— Relativamente bem. O meu companheiro Joaquim Anacleto, ajudou-me com empenho e vontade. Foi pena não ter podido manter-se até ao fim. Ficou para trás, quando já não podia mais. Excelente camarada! João Rebelo fez uma prova belíssima. Quando me conseguiu «apanhar» — como ele deve ter «puxado» para o conseguir — também me auxiliou, revezando-se comigo. De lamentar e sinceramente, que o «azar» lhe batesse à porta. Se não tem «fuzados», ele e eu, com bom espírito de entreajuda, teríamos, por certo, feito atada melhor e... a «camisola amarela» seria vestida por mim, amanhã. Manuel Palmeira, veio comigo, mas não «puxou»... não ajudou...

— Sente-se bem disposto?

— Sim senhor. Embora satisfeito com o segundo lugar da classificação, a 24 segundos de Dias Santos, não me deixo cegar pela vaidade. Dei um «pulso» de décimo quinto para sub-comandante, é certo, mas as dificuldades, agora, são muito maiores. Porém, não me sinto enervado. Fisicamente, estou em condições de me «aguentar» e se puder ir mais além, acredite que não deixarei fugir o ensejo... Há contudo, o imprevisto...

— O Campo de Ourique...

— É o meu querido clube a quem sirvo com devoção. Embora seja modesto, é grande pelo trabalho e em profundidade que vem desenvolvendo. O ciclismo português deve-lhe muito. A nossa equipa tem sido rodeada de todo o carinho e conforto. Nada nos tem faltado. É bom que saiba. Se a vitória me alegria e desvanecce, quero afirmar-lhe que a dedico, toda inteirinha, ao meu clube e aos seus associados. Viveremos este momento, único, em comum.

A última declaração: — Ainda estamos longe do Porto. Não sei o que sucederá. Lutar é a minha ideia firme. Vontade e coragem não me faltam... Se tiver que cair, cair de pé, como é timbre dos homens do Campo de Ourique e de todos os atletas que se prezam.

Bravo, António Maria. Felicitidades e que tudo lhe corra como ambiciona.

TAVARES DA SILVA

TÊNIS

OS CAMPEONATOS DA CURIA

DEIXARAM BEM COLOCADO O TÊNIS LISBOETA

FALAR dos recentes Campeonatos Oficiais de Tênis da Curia, organizados pela 21.ª vez pelo Curia Palace Sports Clube, implica a repetição do que se tem escrito acerca das anteriores «edições» do importante certame. É inevitável dizer mais uma vez que a organização foi perfeita, que reinou sempre o maior interesse e expectativa e que os campeonatos foram de uma utilidade a toda a prova para o nosso ténis.

Quem poderá recusar aos Campeonatos da Curia um lugar especial na história do ténis nacional? Eles criaram raízes bem fundas e têm de ser considerados um «caso único», no confronto entre as possibilidades dos jogadores do norte e sul. Como indicação da utilidade deste certame diremos que ele fornece, a bem dizer, o único ensejo dos dirigentes da modalidade se orientarem com vista à classificação dos tenistas.

O ténis do Sul saiu bem visto destes Campeonatos da Curia. Foram ganhas por jogadores lisboetas três das quatro provas que os campeonatos comportavam. É, caso curioso, em todas as finais se assistiu ao embate entre jogadores das duas regiões.

José Roquete não pôde estar tão em evidência como em 1949 — ano em que ganhou todas as provas em que participou. Desta vez limitou-se a ganhar uma — a de «singulares» — e a ser finalista nas outras duas — pares masculinos e mistos. Peggy Brixhe Cohen, David Cohen e António Manuel Azevedo

Gomes foram adversários difíceis para os jogadores nortenhos e, sobretudo, bons representantes do ténis de Lisboa.

Peggy Cohen destronou Mrs. Delaforce, de parçaria com seu marido arrebataram o título a Mrs. Delaforce-José Roquete. E David Cohen-Azevedo Gomes (campeões do sul) sucederam a J. Roquete-Vasco Horta e Costa na lista dos campeões.

Ganhas todas as provas dos jogadores de primeira categoria, temos de convir que os campeonatos não forneceram surpresas. Decorreram normalmente. Há no entanto nomes a citar.

Em «singulares-homens» deve apontar-se que Faustino David (de 3.ª categoria) eliminou dois jogadores de categoria superior. É o facto saliente da prova.

Em «singulares-senhoras», Suzi Rumsy, do Porto, ainda em 1949 de 3.ª categoria, bateu na meia final Mrs. Delaforce (1.ª categoria). Foi bem a revelação do ténis feminino.

A margem dos Campeonatos de Tênis da Curia realizaram-se outras competições, que muito animaram as instalações do Curia Palace Sports Clube. E com elas uma série de festas, algumas de muito relevo, como o jantar de gala à americana e a distribuição dos prémios na Piscina Praia «Paralzo», com cunho acentuado de elegância e mundanismo.

D. D.

Tipografia Académica

Viúva de Geraldo da Assunção

Livraria, Papelaria e Objectos de Escritório

Depositária da Imprensa Nacional de Lisboa

Agente do semanário «STADIUM»

Rua Combatentes da Grande Guerra, 171

Bragança

Recauchutagem Castelo

DE

Leopoldo Almeida

As mais modernas máquinas do Mundo

Peçam preços a esta casa

Largo de S. João, 24 e 25

CASTELO BRANCO

PADARIA

ALBICASTRENSE, L.^{DA}
CASTELO BRANCO

Precisa dum carro?

Compre um AUSTIN

que compra bem



AUSTIN A 40

Distribuidores gerais:

J. J. Gonçalves Sucrs.

LISBOA — PORTO

Agentes em todos os Distritos

Depois do Campeonato do Mundo...

...o interesse pelo futebol continua

(Especial para "Stadium", do nosso redactor Candeias Alvarez)

A CABADO o Mundial de Futebol, curpidas as mágoas, caída a «emascara» causadora da perda do título, voltou o Torneio Inítmum na hora H, para provar que os campos de desporto do Brasil não ficariam desertos, conforme se afirmara. Voltou e desmentiu formalmente as atoardas. O futebol no Brasil, não morreu e jamais morrerá quando está arreigado no espírito de um povo que vê com orgulho no seu «ASSOCIATION» uma das glórias nacionais. Aqueles oito dias que se seguiram ao encontro Brasil-Uruguaí foram de tragédia. Manchetes nos jornais anunciaram que os torcedores abandonariam os campos de futebol. Críticas despeitadas culpavam tudo e todos pelo revés sofrido. Não se compreendia como AQUILO tinha sido possível. Viviam-se num sonho. Poucos encerraram a realidade das coisas. Enaltecia-se o feito adversário, mas fazia-se da selecção, dos dirigentes e do público BODE ESPÍRITO-RIO. Era a forma de protecção desculpando a grande parte da imprensa que na manhã do encontro — e até na véspera — já anunciara em grandes parangonas: BRASIL, CAMPEÃO DO MUNDO!

E só essa parte da imprensa pode ser culpada. Não pela derrota, mas porque esquecendo que a verdadeira missão do crítico deve ser sempre regida por um critério uniforme, informando, criticando sem subestimar ou sobrestimar, criaram no espírito de toda a gente a ideia de uma superioridade incontestável; de uma invulnerabilidade que nunca nenhuma equipa se gabou ou gabará de ter. Esqueceram a lógica do futebol. O leitor, sempre propenso a crer no que lê, esquecendo muitas vezes o que os seus próprios olhos vêem ou o seu subconsciente lhe dita, deixou-se LEVAR NA ONDA embalado pelos adjectivos com que era mimosoado diariamente e no fim sofreu a mais amarga das decepções.

Mas o mau tempo passou. Depois do temporal vem sempre a bonança. O AMANTE do desporto-rei, mal lhe voltaram a falar em futebol, ocorreu pressuroso. Sacrificado, por vezes mal tratado até, já estava ele no seu posto, aplaudindo, valando, mas presente. Pós de lado as lúvas de pelica que havia calçado para aplaudir as selecções estrangeiras que estiveram presentes à Taça «Jules Rimet» e deu largas à LATINIDADE. A coisa agora é em família. E entre família não fica mal que se puxe a brasa à sua sardinha. É o Vasco, Flamengo ou Fluminense. É o Botafogo ou o América. É o Bangu, Canto do Rio, Madureira, Bonsucesso e S. Cristóvão. São os torcedores apaixonados que — igual a qualquer parte do Mundo

— rasgam os cartões de sócio no dia da derrota e levam a família ao cinema quando a vitória lhes sorri. É o futebol com todas as suas contingências e que só por isso o tornou querido das multidões. Esquecida a derrota de ontem architecta-se já os louros a conquistar amanhã. É a vida.

Este torneio relâmpago que anualmente se disputa e cujo produto reverte a favor da Casa dos Jornalistas é um torneio — que quanto a nós — só a chance dita o vencedor. Os «match» realizados em dois tempos de 10 minutos na generalidade terminam quase sempre empatados.

A classificação de um dos contendores é então feita da seguinte maneira: Três «penalties» para cada banda. No caso de empate subsistirá continuar-se-ão marcando séries de «penalties» até que um consiga vantagem no marcador.

Succede que na maior parte das vezes o menos cotado é o vencedor. Espécie de prémio de consolação para os que no Campeonato Carioca não podem aspirar a outras glórias.

Concorrem ao torneio em questão as onze equipas que habitualmente disputam o Campeonato da Cidade e ainda o representante do Departamento Autónomo da Federação Metropolitana de Futebol, departamento esse que dirige os desportos amadores.

Os clubes para estes primeiros embates nem sempre se apresentam na máxima força aproveitando-o para lançamento de novas futuras «VEDTAS» de futebol metropolitano. E esse é talvez um dos motivos porque nem sempre o clube de maior projecção consegue o título que podemos designar como «prémios» do livro dos campeonatos.

E tal como havíamos pensado, o vencedor este ano do Torneio Inítmum foi o Bangu que em final emocionante levou de vencida a equipa de «aspirantes» do Vasco da Gama, denominada de «Expressinhos». O clube suburbano do sr. Guilherme da Silveira moveu o título. Não pelo futebol apresentado, pelo menos pela qualidade dos valores apresentados onde Zinzinho é o ponto alto. Esta vitória dar-lhe-á por certo o alento necessário para emprestar ao Campeonato da Cidade um maior colorido, até hoje restricto aos quatro grandes: Vasco, Fluminense, Flamengo e Botafogo.

CANDEIAS ALVAREZ

O Benfica em África

DAMOS hoje as primeiras imagens referentes à digressão que o Benfica está realizando por terras de África, com jogos: em Moçambique, África do Sul, Angola e Congo Belga — pontos de «escala» da maior deslocação até hoje efectuada por clubes desportivos portugueses.

Tendo iniciado a série de partidas de futebol em Lourenço Marques, no dia 29, o Benfica chegou à capital de Moçambique no dia 28 de Julho, ali tendo sido alvo da mais entusiástica recepção de que há memória, produzindo-se uma manifestação popular que atingiu o delírio. A tal ponto, que a comissão de recepção não conseguiu chegar junto da caravana benfiquista — outro tanto sucedendo às senhoras que se encontravam na gare do caminho de ferro, com ramos de flores para oferecer aos jogadores.

A caravana do Benfica esteve no dia da sua chegada no Palácio do Governo, a cumprimentar o Governador Geral da Colónia, o mesmo fazendo na Câmara Municipal.

No dia seguinte, 29 de Julho, os benfiquistas inauguraram o campo do Grupo Desportivo de Lourenço Marques — que é delegação do S. L. B. — e fo-

ram presenteados com uma taça no valor de 10 contos, recebendo Xico Ferreira uma medalha em ouro. O jogo de futebol, com os donos do campo, terminou pela vitória do Benfica por 6-1, e os lisboetas foram delirantemente aclamados.

Em 30 de Julho o Benfica desloca-se de avião para a B-ira, e ali venceu a selecção local por 5-0, fazendo novamente uma brilhante exibição, que o público saudou com estrepitosos aplausos. E como prémio — excelente prémio — receberam uma taça no valor de 15 contos.

Na noite desse mesmo dia, os benfiquistas foram obsequiados com uma caçada nocturna em plena selva africana, ali «vivendo» maravilhosas aventuras.

Neste momento, a «embalada» está de novo em Lourenço Marques, onde a equipa realizou dois jogos mais, no sábado e domingo, depois de curta paragem em Inhambane para ser obsequiada com um almoço.

No próximo dia 10 jogarão os benfiquistas em Joanesburgo, dali seguindo para Angola e Congo Belga (Leopoldville).

R. M.

CASA QUEIROZ

HUMBERTO DA SILVA QUEIROZ

Telefone, 129 • Rua Alexandre Herculano • BRAGANÇA

MODAS, RETROZARIA E GRAVATARIA, MALHAS, CAMISARIA E GABARDINES

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES

ESTABELECIMENTO COMERCIAL

COM Tecidos de Algodão e Lã, Retrozaria, Gravataria

Artigos para brindes • Vinhos Finos e Champagnes

Pertencente a

Martinho Gama

Telefone 116 — Rua das Flores

Castelo Branco

OURIVESARIA E RELOJOARIA PRIMOR

ALCINO & PINTO, L.^{DA}

Agentes oficiais das afamadas marcas OMEGA e TISSOT

Rua Alexandre Herculano, 83

BRAGANÇA

Srs. Automobilistas

CAPAS PARA ESTOFOS

EM FIBRA LACADA, PLASTIC WEAVE E EM SEDA NYLON

Executam se todas as serviços de estofador e de pintura a preços conviativos nas secções dirigidas por

Albino José Ferreira

Garage Santa Luzia — Rua D. Estefânia, 111 — Telefones 48280-45277



Acinauto, L.^{da}

IMPORTADORES

DE

ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS E FERRAMENTAS

Telefone 432

Telegramas ACINAUTO

Rua 5 de Outubro, 48

Rua Serpa Pinto, 31

ÉVORA

Agência Comercial, L.^{da}
Motores, Máquinas e acessórios

Sede: Rua da República, 97

Telefone 463

Telegramas: Electromáquinas

ÉVORA



Império dos Santos

NÃO ESTÁ CONFORMADO
COM A SUA CLASSIFICAÇÃO

IMPÉRIO DOS SANTOS o magnífico corredor do Benfica foi o herói da tirada Évora-Loulé, tendo cortado a meta destacado, mereço do empenho posto na luta. Venceu e convenceu. Trocámos com ele ligeira conversa, sendo-nos dado ouvir...

— Mais uma Volta, mais um aniversário festejado durante a prova. Conhecido o facto, todos os elementos da caravana me felicitaram vivamente, numa demonstração inequívoca de solidariedade e companheirismo, que muito me deavaneceu. No entanto, se sob esta faceta me recordarei com saudade deste dia, também não o esquecerei sob o prisma desportivo, porque foi culminado com um «azar» tremendo: furros, avarias, quedas... Um inferno essa etapa Bragança-Guarda!

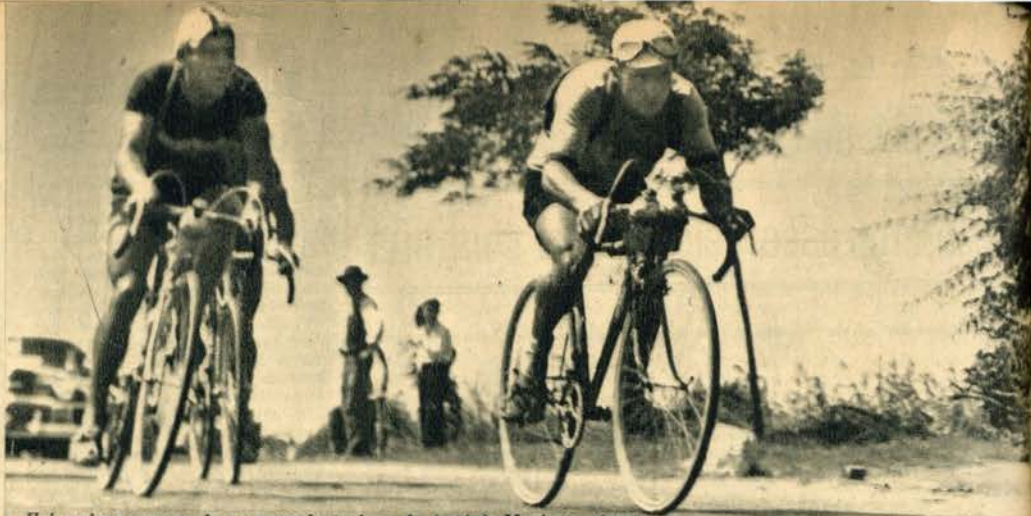
— Você tem um irmão na prova? — interrogámos.

— Tenho sim senhor. É o Manuel dos Santos, do Académico. Tem sido meu companheiro de infortúnio, nestas andanças da corrida, que não nos tem sido favorável. As contingências que nos têm perseguido valem mais do que a nossa vontade. Vamo-nos animando mutuamente, para que o desânimo não nos leve a uma situação de momento desagradável e incompatível com o nosso brío de atletas, de que mais tarde, por certo, nos viríamos a arrepender. Conversamos muito e não o perco de vista.

(Continua na página 7)



Bernardo Capó antes de iniciar uma das etapas numa OVOMAL-TINE



Foi assim o começo da surpreendente fuga de António Maria na etapa Loulé-Setúbal. O pequeno corredor lançou-se pela estrada e de início Manuel Palmeira e Rebelo acompanharam-no. Depois foi o triunfo.

APONTAMENTOS DA 15.ª VOLTA A PORTUGAL



A brigada da Polícia de Viação e Trânsito que acompanha a «Volta», é composta pelo sub-chefe Zidío Rodrigues e os agentes José Eduardo Santos, Francisco Soares e Armando Cabral. Têm sido incansáveis e magníficos colaboradores desta grande prova de estrada.

Éis o carro da «Stadium» e os nossos dois camaradas dos serviços de propaganda, Lopes e Dias. É um «AUSTIN» do conhecido António da Escola.



EQUIPAMENTO
ULTRA-MODERNO

PESSOAL
ESPECIALIZADO



5 PISOS C/ RAMPAS
E ASCENSOR ELÉCTRICO

SERVIÇO
PERMANENTE



José Carlos Basílio de Oliveira

ENTRY os elementos do júri destaca-se pela forma como desempenha as suas funções, o cronometrista José Carlos Basílio de Oliveira, filho do conhecido dirigente do Sporting e de vários organismos, já falecido, sr. Carlos Basílio de Oliveira.

José Carlos é homem de fina educação e trato e de invulgar simpatia. Todos lhe querem muito, mas torna-se particularmente notada a maneira como ele desempenha as suas funções. Na meta de chegada, calmo e sereno, nem precisa de ver os números —, que aliás os corredores trazem pregados nas costas, — para os reconhecer. Ainda os ciclistas lá vêm longe e ele logo diz o número e o nome e quando cortam a meta, o respectivo tempo. Entra um lote de corredores numeroso e é raro escapar um, a este hábil cronometrista. Enfim, José Carlos é um dos melhores elementos técnicos que estão nesta prova e bem merece este nosso modesto preito de admiração.

Estas fotos da «VOLTA» foram feitas com material

LUMIÈRE

IMAGENS DA "VOLTA"



Por vezes do pelotão fogem um, dois ciclistas. É a esperança para um almejado triunfo, que se confirma ou se desvanece ao fim de uns quilómetros. Eis a fuga de Joaquim Costa e Bernardo Capó na etapa Castelo Branco-Elvas



Uma das Santos continua a ser o homem da camisa amarela. Em Lisboa confessou a sua disposição de a conservar até ao Porto.



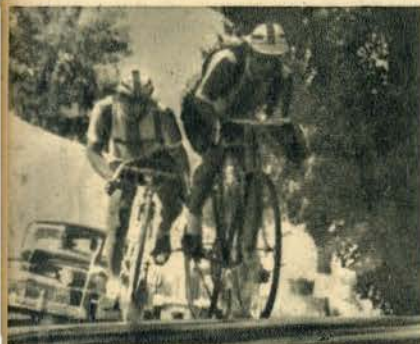
Dalmácio Langarica

acredita na vitória de Dias Santos — um "grande" campeão

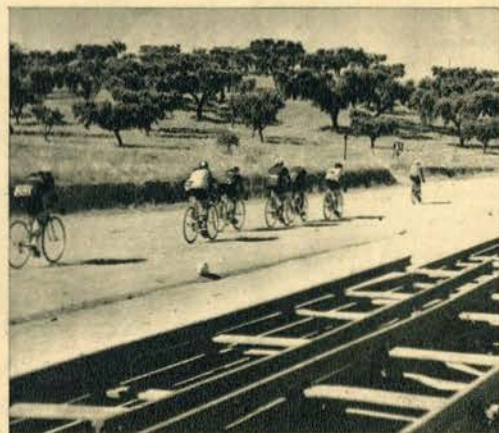
ENTRE os corredores espanhóis que se encontram na Volta, destaca-se pelo seu inegável valor, Dalmácio Langarica, ciclista com longa série de triunfos no seu país e no estrangeiro. Os adversários temem-no e respeitam-o. Vencedor de duas etapas e primeiro no prémio da montanha — até esta altura da prova, não podíamos deixar de arquivar nesta revista o seu depoimento.

O combativo e enérgico campeão, não se escusou ao pedido e começou desta forma: — A prova é dura e difícil e as estradas não ajudam. Há troços que não convidam nada a andar. Para se ganhar, especialmente em ciclismo, é preciso que a sorte ajude. Mas só a sorte não chega. É indispensável ser inteligente, saber dosar o esforço e, logicamente, ter força nas pernas. A par destes requisitos não se deve descuidar a qualidade do material

(Continua na página 14)



Outra fuga; desta vez entre Chaves e Bragança, levada a efeito pelos louletanos Manuel Barros e Alexandre Cristina



No Alentejo, causticados pelo sol ardente, os corredores vencem a estrada



Através das estradas de Portugal, animosos, plenos de energia, os corredores conquistam, quilómetro a quilómetro, os 2.800 desta 15.ª Volta a Portugal



A magnífica sala de jantar da Pensão Restaurante "DIANA BAR" em Évora, a preferida pelo seu bom serviço e modicidade de preços.

NOTA DA SEMANA

UMA rapariga magrizona, de membros vastos e angulosos, feições algo masculinas e raça negra, lançou forte perturbação no organismo superior do ténis norte-americano.

Miss Althea Gibson, natural de Nova York mas residente em Tallahassee (Flórida) propõe-se participar, de futuro, em todas as competições ténis de grande renome, incluindo o campeonato nacional de Forrest-Hills, lado a lado com as galaxias rutilantes da femilidade americana. Não lhe escasseiam predicações nem títulos, e o último obteve-o ascendendo à posição de finalista do torneio individual em recinto coberto, só abatendo a flâmula perante Nancy Chaffee, de primeiríssima categoria, mas derrotando a Sr.^a Marjorie Buck, por 6/2, 4/6, 7/5.

Al Laney, cronista do «New-York Herald Tribune» é um dos responsáveis da inocente perturbação que agita os membros da United States Lawn-Tennis Association. Analizando o padrão de jogo da estudante de cor, garantiu a possibilidade de ir longe se lhe derem oportunidade para tanto.

Essas oportunidades não pode alcançá-las dentro da American Tennis Association, que é a entidade reguladora do desporto da raquete entre negros, pois Miss Gibson domina as suas irmãs de cor com grande facilidade, e no campeonato de 1949 conquistou o primeiro posto sem perder uma só partida.

A candidatura da jovem, como a de todos os pretendentes a Forrest-Hills, vai ser estudada em meados do corrente mês, pelos 34 membros da comissão técnica da USLTA, reunidos em assembleia.

A circunstância da ATA não figurar entre os organismos filiados na federação americana dificilmente constitui obstáculo. Em vários casos anteriores esse óbice tem sido arredado e só o registo das proezas do candidato foi matéria de avaliação.

Mas, o problema melindroso é a pigmentação cutânea de Miss Gibson. Inteligente, culta, insinuante e cheia de intuição ténisica esses factores parecem pouco sólidos para derrubar o muro dos preconceitos. Assim se exprimiu um categorizado membro do conselho dos 34, cuja identidade se não revelou, mas cujo ponto de vista é favorável à admissão da campeã.

O desporto não admite fronteiras de raça, de credo político ou religioso. Este lema tem sido o mais forte esteio da sua ética e deploramos profundamente se Miss Gibson, for excluída de participar nos próximos campeonatos de ténis norte-americanos, apesar das provas sobejas do seu mérito.

JOE LOUIS vai regressar à actividade por força das circunstâncias. Toda a sua ambição era permanecer na semi-obscuridade em que tem vivido, isto é, demonstrando por via indirecta que ninguém o superioriza mas abandonando a outros os deveres inerentes à função de monarca do jogo do boxe.

Com Ezzard Charles impossibilitado de combater, por incapacidade física, ninguém aparece revelando méritos de respeito. A tarefa de Louis tem poucas dificuldades, se exceptuarmos o problema da sua preparação, crescente com a idade. Desta maneira, o Bombardeiro de Detroit só precisa de declarar: «Aqui estou!» e todos se curvarão, proclamando-o titular.

Infelizmente, o caso é bastante diverso. Joe Louis deve ao Tesouro Americano uma quantia avultada e não poderá saldá-la com as suas finanças próprias. Até ao fim de 1950 ou paga ou é preso, como qualquer delinquente sem escrúpulos.

Assim, o responsável pela reparação de Joe Louis, nenhuma ameaça desportiva lhe lançou. Envidiando, depois de ganhar tantos milhões, o ex-marido de Marva Trotter necessita de se tornar proleto, ainda que o seu estado físico o aconselhe ao repouso, e, com os rendimentos das novas façanhas, pagar as contribuições.

É sempre arriscado brincar aos profetas, mas a tentação é irresistível. Que fará o formidável golpeador negro, se Ezzard Charles, refeito da moléstia, subir ao rectângulo em boa forma e sem complexo de inferioridade? Ganhará? Perderá? Cremos na sua derrota. E, pelas seguintes razões:

Charles dispõe de bom soco, encaixa como um muro e sabe esgrimir. Além de tudo isso, é jovem e aqui — a sabedoria do tempo o demonstra — reside o argumento principal a seu favor.

Portanto, se Louis voltar à liça, será pela derradeira vez.

RAFAEL BARRADAS

Dalmácio Langarica

(Continuação da página 13)

e a máquina em que se monta. Conforme o percurso, assim se deve preferir as multiplicações, para que tudo saia de acordo com os nossos desejos.

— Tem fé de se classificar bem?

— Sem dúvida. Começo agora a sentir-me melhor. Estou a rolar com mais facilidade e não me sinto fatigado. Aquela etapa Bragança-Guarda foi a minha «sombra-negra». Tudo me correu mal. Os «furos» foram em série e o tempo que perdi na estrada à espera dos «tubos», escangalhou-me a vida, deitando por terra as minhas aspirações. No entanto, ainda estamos longe do fim e, em ciclismo, tudo é possível até ao momento derradeiro...

— O prémio da montanha já não lhe foge? — inquirimos.

— Farei todo o possível para conservar a vantagem que já consegui, porque, sem jactância, posso declarar-lhe que não temo os adversários nesta especialidade de... subir.

— Ganhará a Volta, — disparámos de súbito.

Langarica sorriu e respondeu:

— Com franqueza, digo-lhe que não. Há corredores à minha frente que não se deixarão surpreender. Têm valor para se manterem nas posições conquistadas. Dias Santos, o primeiro, é um grande campeão. Luta como um gigante quando vê a «camisola» em perigo e é difícil resistir-lhe. Corre com cabeça e tem estofo para impor a sua vontade. Duvido muito que seja desalojado. Se não tiver contratempos,

será o vencedor absoluto desta Volta.

Mas há outros elementos que... — Há bons atletas, como por exemplo, Fazzio e Serra, além de outros compatriotas meus. Têm categoria para triunfar, mas os companheiros de equipa são inferiores aos componentes da formação do Futebol Clube do Porto. Claro que tudo quanto lhe estou dizendo não passa de vaticínio. Amanhã ou mais tarde, tudo pode mudar... o que em ciclismo não surpreende, por habitual.

— Gosta da Organização?

— Sim. Vê-se que houve cuidado e tudo tem caminhado a contento. Também quero agradecer aos dirigentes do Académico, a consideração dispensada e a forma cativante como se têm comportado com a equipa, que tudo fará para corresponder à confiança que nela depositam.

— Do público, guarda boas ou más recordações? — indagámos para encontrar, uma vez que Langarica ia receber os cuidados do massagista e não o podíamos reter por mais tempo.

— Os portugueses, são sobretudo desportistas. Por essas estradas, tenho ouvido os mais entusiásticos e calorosos aplausos, que são devidos à gloriosa e popular camisola que envergou. Para todos, sem distinção, há sempre uma frase amiga, um brado de incitamento. E quando nos apontam e proferem o nosso nome, sentimo-nos comovidos com tão espontânea homenagem. Bom, fidalgo e hospitaleiro este bom povo português a quem me confesso muitíssimo grato.

TAVARES DA SILVA

CAVALEIROS PORTUGUESES NO BRASIL

(Continuação da página 16)

mero de primeiras classificações e que figura à frente de todos os cavalos portugueses no que respeita ao valor dos prémios pecuniários conquistados.

Constituem a equipa — que foi escolhida em definitivo depois do Concurso Hípico Oficial do Porto e que será desta vez civil-militar — os capitães José Carvalhosa, com a sua famosa «Mondina» e o pendular «Estemidos»; Rhodes Sérgio, com o novo argentino «Castigo» e o antigo internacional «Xerez», agora de novo em boa forma; Henrique Calado, com os esperançosos e já valorosos «Caramulo» e «Faraão», um argentino da última remonta e um anglo-árabe já bem qualificados, e por fim o engenheiro Rodrigo de Castro Pereira, cavaleiro da velha guarda mas um espírito desportivo dos mais entusiásticos e persistentes, que montará o seu irlandês «Hopefull Don» e o novo anglo-árabe «Bruno», com os quais tanto se fez aplaudir no último Concurso de Lisboa.

Escusado será enaltecer o valor da equipa que leva sobre os

ombros o pesado encargo da representação nacional, tão conhecidos e apreciados são os elementos que a compõem.

O major Barrento e o capitão Calado são cavaleiros olímpicos, o capitão Carvalhosa foi já inúmeras vezes chamado à equipa, o capitão Rhodes Sérgio, se bem que só agora conquiste as esporas de internacional, foi seleccionado para nos últimos Jogos Olímpicos tomar parte na prova de «Campeonato», o que não conseguiu por ter de regressar sem perda de tempo a Portugal nas vésperas da sua actuação e o engenheiro Castro Pereira, que iniciou a sua carreira hípica em 1908, possui igualmente todas as qualidades indispensáveis a um cavaleiro de obstáculos.

Com excepção para o capitão Calado, que seguiu no «Mousinho», todos os restantes membros da turma portuguesa partem dentro de breves dias do Aeroporto de Lisboa a caminho do Rio de Janeiro, onde representarão, certamente com brilho, o hipismo nacional no mais importante concurso brasileiro.

ANTAS TEIXEIRA

BREVES APONTAMENTOS

Os dois clubes portugueses, que estavam apurados para disputar o Campeonato Nacional de Voleibol, que se efectua na Madeira, no dia 25 do corrente, comunicaram a sua desistência à respectiva Associação.

No dia 20 do corrente realisa-se o IV Circuito de Paços de Ferreira, em bicicleta, no qual participarão todos os clubes do Porto e Lisboa, e a equipa de Barcelona, que actualmente disputam a «Volta a Portugal».

Está marcado para os dias 26 e 27 o «III Rallye Nacional de Miramar», que a Comissão de Iniciativa de Miramar leva a efeito, com a assistência técnica e patrocínio do Automóvel Clube de Portugal.

Em Leixões disputou-se na semana finda o Campeonato Nacional de «Vougas», em quatro regatas, organizado pela secção de vela do Sport Clube do Porto.

No último domingo de Julho as selecções do Porto e do Norte, de hóquei em patins, deslocaram-se à Curia, onde efectuaram um jogo de propaganda desta modalidade. Prosseguindo em tão louvável iniciativa, as mesmas selecções jogaram na Figueira da Foz no sábado e domingo passados, tendo causado óptima impressão.

O Clube de Futebol de S. Félix da Marinha ofereceu um jantar de homenagem aos componentes do seu grupo de honra, que conquistaram a taça «Encerramento» em torneio disputado no vizinho concelho galego, entre o S. C. de Candelo, C. F. de Valadares, C. F. de Serzedo e o clube vencedor.

Na Associação de Basquetebol do Porto iniciar-se-ão brevemente as aulas do novo curso de árbitros e cronometristas, cuja inscrição se encontra aberta já há dias.

O Grupo Português de Natação tem instalados postos de ensino na Praia do Molhe e na Praia Moderna (Circunvalação e Matosinhos).

No sábado, e com o maior brilhantismo, foi encerrada a semana das festas comemorativas do 44.º aniversário do F. C. do Porto, com um jantar de confraternização associativa num dos mais típicos recintos do Palácio de Cristal. Na quinta-feira, no Teatro Sã da Bandeira, havia sido realizado um festival aos campeões nacionais de natação, andebol e basquetebol, durante o qual foram distribuídos prémios aos respectivos atletas. Pena foi que não tivessem sido igualmente distinguidos os campeões nacionais de ciclismo.

Depois da realização de assembleias gerais, ordinária e extraordinária, no Clube Fluvial Português, foi aprovada a reforma dos Estatutos e Regulamento Interno, para o que foi nomeada uma comissão de reforma, constituída pelos srs.: José António Diogo, José Cabral de Matos, Manuel Teixeira da Silva, Lourenço Barroso e Higinio de Almeida.

na capital do NORTE

NO LIMAR DO 45.º ANO

ESTÃO decorridos 44 anos da existência do Futebol Clube do Porto. Quase meio século, mais de dezasseis mil dias — uma vida! — ao serviço do Desporto português.

Como um soldado, disciplinado e firme no seu posto, sempre pronto a responder à primeira chamada, o velho mas sempre jovem clube da Constituição tem sabido cumprir o seu dever, com um apuro e dignidade tais que fazem dele o mais popular dos clubes nortenhos — o n.º 1, o clube que se olha com um misto de admiração e respeito, e no qual se deposita ilimitada confiança, tanto quando em defesa das suas cores, como na das regionais ou até nacionais.

Assim tem sido sempre, desde o primeiro dia, desde a primeira hora — e assim continuará a ser, pelos anos adiante, até mesmo quando surjam aquelas horas incertas por que uma colectividade sempre passa, e das quais o Futebol Clube do Porto não pode, logicamente, considerar-se isento. Agora mesmo, enquanto festaja a data comemorativa do 44.º aniversário da sua fundação, está este clube a atravessar um desses cruciantes períodos. Contudo, haja fé em que, como sempre, a nuvem cinzenta passará, e os dias de radioso sol iluminarão os passos daqueles que ficarem à frente dos destinos da colectividade. Os elos, enfraquecidos, robustecer-se-ão de novo; as boas vontades serão postas ao serviço do clube.

Isso mesmo esperam e desejam todos os seus simpatizantes: todos os portugueses, todos os nortenhos. Todos os nortenhos, sim! Não há exagero na afirmação, uma vez que o Futebol Clube do Porto não pertence apenas à cidade Invicta, mas a toda a região demarcada ao norte do país, pois não pode nem deve esquecer-se que são enormes a popularidade, a simpatia e a admiração de que este clube desfruta entre minhotos, transmontanos e durieneses. Nessas províncias, tanto como nesta cidade, os triunfos do clube azul-branco são recebidos com inusitado entusiasmo; ali, ainda mais do que aqui, sofre-se verdadeiramente aos os reveses do F. C. do Porto. Que assim é, e a confirmá-lo, lá estava à dias, na pequena e ridente povoação de Quintela, perdida nas serranias transmontanas do distrito de Bragança, o brado expressivo e sincero daqueles corações a trasbordar de fé na vitória do clube azul-branco, traduzido na legenda dum enorme cartaz em pano, a toda a largura da estrada, quando ali passou a caravana ciclistica da «XV Volta a Portugal»: «Deus acompanhe os corredores do F. C. do Porto».

Inspirando-nos nessa legenda, não podemos, nós, no limiar do seu 45.º ano, deixar, também, de bradar: — Deus acompanhe os destinos do F. C. do Porto.

JOAQUIM FARIA

Restaurante MACHADO

(CURA)

ALMOÇOS, JANTARES, SERVIÇOS À LISTA
Serviços de casamento, Batizados e comensais
ESPECIALIDADE EM PRODUTOS DA REGIÃO
AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

31, Rua Almirante Reis, 33

Bragança

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

DE José Salvado & Filho

Lavagens, lubrificações e parafinação
por processos mais modernos

Oficina de Reparações. Garagem de Recolha,

Gasolina, Oleos, Pneus e acessórios

Automóveis de instrução

Telefone 178

CASTELO BRANCO

O FIM DA CAMPANHA

OS campeonatos nacionais de atletismo, marcados para o Porto, no sábado e domingo próximos, são o último passo da campanha que nos levará aos campeonatos da Europa em Bruxelas.

Pela primeira vez, a bem dizer, Portugal terá uma representação efectiva, com legítimas aspirações de figuração honrosa, que não podiam alimentar, nem António Calado em Paris, nem Mário Porto em Turim. Os seleccionados deste ano, embora o seu número não atinja o que se poderia esperar — a entorse sofrida por Matos Fernandes privou-nos de um valioso elemento — deram provas que autorizam a afirmar a sua inclusão entre os melhores especialistas do velho continente.

Tomaz Paquete está rápido como nunca e de uma regularidade flagrante; é arriscado formular prognósticos sobre as suas possibilidades, porque nos 100 metros a mínima contingência p. a. irreparavelmente. Consideramo-lo suficientemente senhor dos seus nervos para não quebrar com a influência do ambiente e assim admitimos a sua inclusão nos meio-finalistas da prova, o que já será excelente e mais longe conforme o destino ajudar.

Luís Alcide — que poderia sem prejuízo ser também inscrito na prova de barreiras — tem lugar assegurado na final do triplo salto; quanto ao lugar que alcançará, nada se pode fixar, porque os nórdicos ainda não deram provas esta época. Quinto, sexto, seria ótimo.

Resta Alvaro Dias; consideramo-lo hoje em dia um dos melhores saltadores, em comprimento, da Europa; se até à partida para a Bélgica for convenientemente aperfeiçoado em Lisboa — para onde a Federação tem o dever de o trazer — na velocidade e acerto da corrida preparatória, vêmo-lo num dos três primeiros lugares do campeonato europeu. Tudo pode suceder.

Podem os acontecimentos desmentir o optimismo das nossas previsões; no atletismo não existem garantias absolutas, mas em nossa consciência as formulamos perante a desossombrada análise dos factos e das suas — às vezes enganadoras — realidades.

Salazar Correia



Cap. José Carvalhosa



Cap. Rodés Sérgio



Major Correia Barrento



Cap. Henrique Calado



Eng.º Castro Pereira

CAVALEIROS PORTUGUESES NO BRASIL

O hipismo português vai estar representado pela primeira vez no Concurso Internacional do Rio de Janeiro, por ter sido aceite, como dissemos, o convite que nesse sentido foi dirigido à Federação Equestre Portuguesa.

No paquete «Mousinho», da Companhia Colo-

nia de Navegação, seguiram, no fim da última semana, os nove cavalos da equipa portuguesa, escolhidos pelo major Correia Barrento para tomar parte num Concurso que, para nós, se reveste de grande interesse e de extraordinária importância, não só por se tratar do debut da cavalaria portuguesa em terras de Santa Cruz

como, também, porque ao certame brasileiro devem concorrer numerosas equipas.

O agrupamento português é chefiado pelo major Correia Barrento que ali montará o famoso «Raso», a montada, que reúne maior nú-

(Continua na página 13)



Em cima: Os ciclistas passam em Loures, a caminho da Figueira da Foz. Em baixo: Dias Santos, que desfruta de enorme popularidade em todo o país, deixa-se fotografar, em Santarém, rodeado pelos soldados do regimento daquela cidade

A VOLTA CONTINUA...



Guilherme Jacinto, do Benfica, e Fortunato Pereira, do CACO, 1.º e 2.º, em Lisboa, tendo obtido a excelente média de 38 K.

OS CAMPEONATOS DE TENIS NA CÚRIA



1 — José Roquette, campeão da Cúria de 1950. 2 — Peggy Briche Cohen, vencedora em «singulares» e «mistas». 3 — David Cohen e A. M. Azevedo Gomes, vencedores em «pares», conquistando a Taca «Diário de Lisboa»



PREFERIDA PELOS BONS APRECIADORES